

A relação Aluno-Professor em tempos de Pandemia: limites e possibilidades de aprendizado na educação básica

The Student-Teacher relationship in times of the Pandemic: limits
and learning possibilities in basic education

Israel de Jesus Borges Almeida

Graduando em História

Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade (UEMG) *Campus* de Divinópolis

Arquivologista

Instituto Histórico de Pitangui (IHP)

israeldejesusba@gmail.com

Recebido: 21/11/2022

Aprovado: 14/02/2023

Resumo: O presente trabalho busca entender como a relação entre alunos e professores na educação básica pode ter sofrido limites no que tange à possibilidade do processo de ensino e aprendizagem com o advento da pandemia da Sars Cov-19 compreendendo os impactos na relação mestre-aprendiz e seu espaço de convivência. O percurso metodológico desta pesquisa de cunho qualitativo considerou o levantamento de dados a partir de trabalhos disponíveis na SciELO, referente aos anos de 2020 e 2021, bem como se pautou em uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas relação aluno-professor e aprendizagem no ensino básico. Os achados mostram que neste período de pandemia em que o ensino remoto e/ou híbrido se fez presente, as desigualdades escolares foram acentuadas, pois nem todos os alunos tinham acesso à cultura digital. Além disso, os trabalhos encontrados ressaltam que as possibilidades de aprendizado passaram por uma reinvenção devido à necessidade de adaptação à nova realidade do ensino remoto.

Palavras-chave: pandemia; relação aluno-professor; ensino e aprendizagem; educação básica.

Abstract: The presente work seeks to understand how the relationship between students and teachers in basic education may have suffered limits regarding the possibility of the teaching and learning process with the advent of the Sars Cov-19 pandemic, understanding the impacts on the master-apprentice relationship and its living space. The methodological course of this qualitative research considered the collection of date from works available in SciElo, referring to the years 2020

and 2021, as well as based on a bibliographic research on the themes student-teacher relationship and learning in basic education. The findings show that in this pandemic period in which remote and/or hybrid teaching was present, school inequalities were accentuated, as not all students had access to digital culture. In addition, the works found emphasize that the learning possibilities underwent a reinvention due to the need to adapt to the new reality of remote teaching.

Keywords: pandemic; student-teacher relationship; teaching and learning; basic education.

Introdução

Ser professor é reconhecer-se como agente democrático, compartilhando a troca constante de conhecimento entre sujeito aprendiz e tutor. A importância do seu papel para os alunos não se resume à transferência de saberes; segundo Freire (1991) ser professor é também construir relações de afeto mesmo diante das barreiras que permeiam o cotidiano escolar.

A profissão docente se encontra face a diversos desafios para promover um ensino de qualidade e que alcance os diversos sujeitos em suas especificidades. O professor, figura de importância considerável dentro do ambiente escolar, traz consigo as ferramentas adquiridas na formação inicial e em suas experiências de vida para atingir o objetivo de formação escolar e humana dos estudantes. Corroborando com isso, Dayrell (1996) pontua que o ambiente escolar existe para promover a integração, sociabilidade e aprendizado do discente, e que a própria estrutura escolar, em seu sentido social, promove e constrói relações interpessoais entre aluno e professor. Neste sentido, o professor também se torna um ser sociocultural (TEIXEIRA, 1996).

No entanto, atualmente presenciamos um quadro pandêmico que alterou e desestruturou as formas da prática educacional em diversas instituições do ensino básico em todo país. A Covid-19¹ está presente em todos os continentes e infectou milhares de pessoas no mundo, impactando não somente as formas cotidianas de se cuidar e manter condições sanitárias adequadas, mas também as maneiras como as pessoas têm se relacionado e condicionado o isolamento social, principalmente no âmbito educacional.

¹Doença viral que segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde, s/d) “é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca” (s/p).

Para tanto, surgiu como alternativa, devido à condição e imposição de quarentenas e distanciamento social², o ensino remoto/on-line mediado pela tecnologia. “Existe, entretanto, uma urgência na revisão e adequação do atual modelo de educação mediada por tecnologia por meio de novos formatos que garantam a aprendizagem significativa dos estudantes” (GRANDISOLI, 2020, p.1). Além disso, é possível considerar que neste cenário tenha havido prejuízos no processo de ensino e aprendizagem causados pela ausência física entre os docentes e discentes dentro dos espaços escolares.

Tendo em vista estas considerações esta pesquisa buscou responder às seguintes questões: *Quais estratégias os professores da educação básica têm utilizado para minimizar os impactos na relação aluno-professor no modelo remoto/on-line com a pandemia? Como a relação aluno-professor se modificou durante este período?* Levantamos como hipótese que a relação aluno-professor foi impactada devido ao distanciamento e ao afastamento de professores e alunos, o que, de certo modo, impactou o processo de ensino e aprendizagem na educação básica.

Visando responder a estas indagações, o objetivo geral deste estudo foi entender os limites e possibilidades da relação aluno-professor mediante o cenário de pandemia. Os objetivos específicos se desdobraram em: compreender como a pandemia impactou a relação aluno-professor no processo de ensino-aprendizagem; verificar se a ausência do espaço físico escolar afetou a relação aluno-professor; refletir os impactos do processo de ensino-aprendizagem com a pandemia.

O desenho metodológico pautou-se em uma abordagem de cunho qualitativo, mediante o levantamento e análise de estudos relacionados à temática, considerando as publicações disponíveis na plataforma SciELO, entre os anos de 2020 e 2021. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico que compreendeu estudos já publicados sobre o tema “em forma de livros, periódicos (revistas), teses, anais de congressos, indexados em bases de dados em formato on-line ou cd-rom” (UEG, 2008, p.1).

²Segundo a ENGEMED (2020), a quarentena se resume a obrigatoriedade de isolar-se socialmente após possível exposição ao vírus; enquanto o distanciamento social se encontra em uma ação voluntária de cada indivíduo em isolar-se para o bem coletivo de toda uma comunidade.

A relação aluno-professor na educação básica no cenário de pandemia

A relação aluno-professor sempre foi alvo de intensas dificuldades que envolvem a própria sociedade brasileira em seus âmbitos socioeconômicos, culturais e estruturais (FREIRE, 1991; NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2007; ARROYO, 2014; DAYRELL, 1996; TEIXEIRA, 1996). Antes mesmo da pandemia Teixeira (1996) e Dayrell (1996) levantavam aspectos importantes que nos fazem pensar em como as relações entre discentes e docentes são muito mais complexas do que imaginamos. A primeira, aponta que o professor age como um ser sociocultural, dotado de conhecimento e que usa de ferramentas à sua disposição para interagir com o aluno de maneira a elevá-lo ao pensamento crítico e epistemológico. Já o segundo completa seu pensamento quando nos afirma que o próprio ambiente escolar configura a integração dessa relação, pois é um espaço onde ambos irão desenvolver e ampliar seus horizontes dentro de uma perspectiva sociocultural.

Piaget (1969) reforça ainda que a relação entre mestres e aprendizes acontece por meio da comunicação, debate e discussão, socializando o ensino por meio da construção de uma dinâmica de conhecimento racional cooperado para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. No entanto, diferentemente da definição proposta por Piaget (1969), Freire (1996), traz-nos a ideia de que além da relação mediada pela razão, é necessário também que haja sentimento: “é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento” (FREIRE, 1996 *apud* BARBOSA & CANALLI, 2011, s/p). Assim, o professor consegue desafiá-lo a ouvir e entender, raciocinar e pensar tirando suas próprias conclusões, tornando-se um orientador.

Entretanto, encontramos-nos diante de um cenário atípico onde a disseminação do vírus SARS-CoV-2 obrigou as escolas, desde março de 2020, por determinação do governo do estado de Minas Gerais, a operar sob o Regime de Estudo Não Presencial (REANP), instituído pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG). Recentemente, esse cenário sofreu alterações com o novo decreto de retorno obrigatório às aulas presenciais no dia 3 de novembro de 2021 por ordem do governo de Minas Gerais (CONSED, 2021). Como medida de atendimento aos alunos que não possuem acesso à internet a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE/MG) criou os PETs (Planos de Ensinos Tutorados):

[...] consiste em apostilas mensais de orientação de estudo e atividades por ano de escolaridade (1º ao 9º ano do ensino fundamental e 1º ao 3º ano do ensino médio).

Os conteúdos foram baseados no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O material foi elaborado por professores da rede estadual de ensino e contou com a colaboração de educadores das redes municipais e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação Seccional Minas Gerais (Undime-MG). (CONSED, 2021, s/p)

Adiciona-se aos PETs o aplicativo Conexão Escola 2.0 que, sob o Regime de Estudo não Presencial, foi também criado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais com o objetivo de atender os alunos do Ensino Fundamental e Médio em redes públicas do Estado, para conectá-los à rede de ensino e disponibilizar atividades complementares, regulares, provas e atividades em formato digital com entrega estipulada e com mais facilidade de resposta.

Destaca-se ainda o sistema de aulas híbridas³ e rodízio de turmas para compactuar com o distanciamento social e preservação da saúde pública. Para Dutra (2021), o ensino híbrido se configura em uma estratégia de aprendizagem que engloba recursos digitais com o ensino presencial. Afirma ainda que neste formato, “o aprendizado é enriquecido com atividades online e conteúdo digital, como tarefas ramificadas, videoaulas e avaliações virtuais” (s/p).

Contudo, mesmo que essas estratégias tenham mantido a relação aluno-professor viável nesse cenário de distanciamento, é de suma importância entendermos os desafios da educação básica, principalmente em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Em um país como o Brasil, onde situam-se intensas discrepâncias sociais, econômicas e culturais, podemos afirmar que o distanciamento social entre alunos e professores acentuou ainda mais essas diferenças. De acordo com a Fundação Abrinq (2021), neste período, entre os principais riscos decorrentes da suspensão das aulas presenciais estão os retrocessos do processo educacional e da aprendizagem dos estudantes, bem como o abandono e o potencial aumento da evasão escolar.

Ainda sobre os desafios, cabe destacar um número considerável de alunos e instituições escolares que não obtinham e não obtiveram acesso à internet e ferramentas digitais durante o ensino remoto:

[...] na região Norte do Brasil, mais de quatro em cada cinco (81,5%) escolas públicas não acessa à internet para esta forma de uso e pouco menos de três em cada quatro se encontra na mesma situação na região Nordeste (73,8%), sendo estas

³⁴O ensino híbrido é uma estratégia de aprendizagem que combina recursos digitais com o ensino presencial. Enquanto os alunos se reúnem com colegas e professores em sala de aula, o aprendizado é enriquecido com atividades online e conteúdo digital, como tarefas ramificadas, videoaulas e avaliações virtuais.” (DUTRA, 2021, s/p)

as regiões de mais baixo acesso à internet, mesmo que para fins exclusivamente administrativos e não pedagógicos. Cabe ressaltar, entretanto, que a ausência deste modo de uso da rede internet é a realidade média de pouco mais de um terço das escolas das regiões Sudeste (38,2%), Sul (30,3%) e Centro-Oeste (36,9%). (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2021, s/p)

Dentro desse quadro, os desafios dessa relação entre mestres e aprendizes foram acentuados. Freire (1986) enfatiza que é papel do professor estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem e, nesse sentido, essa visão do autor mostra que diferente de tempo, espaço e circunstância, é possível ocorrer relações interativas entre professores e alunos, mesmo que seja necessário recorrer aos meios tecnológicos de comunicação. Corroborando com o pensamento de Freire (1986), Behrens (2005) afirma que a educação precisa ser pautada na reflexão e disposta a transformações; essas mudanças estão sendo essenciais no modelo de ensino e aprendizagem na pandemia.

Cabe pontuar, no entanto, que a falta de infraestrutura adequada e a ausência, em muitos casos, de formação continuada para lidar com as novas tecnologias contribuíram para acentuar os desafios na relação aluno-professor. Na pesquisa realizada por Martins (2020), 90% dos professores da rede pública não obtinham conhecimento ou habilidade para o manuseio das ferramentas digitais e 42% deles continuam sem o acesso devido a esses recursos.

Ainda sobre os relatos docentes⁴, os professores entrevistados apontam aspectos da profissão que para eles estão sendo cruciais e emergentes diante desta nova realidade: sobrecarga e aumento da jornada de trabalho; precariedade do apoio governamental; tempo de aula diminuto; dispersão acentuada dos alunos; demandas excessivas (dos alunos, da escola, da prefeitura); analfabetismo familiar; falta de políticas públicas para o desenvolvimento do domínio das plataformas digitais e por fim ausência de coordenação nacional.

O estudo de Martins (2020) mostra ainda dois aspectos que se destacam e que têm impacto na relação aluno-professor na pandemia: o desconhecimento dos professores quanto ao uso de recurso tecnológicos e seu gerenciamento para a ministração de aulas remotas e a expressiva porcentagem de alunos (80%) que não obtém acesso à internet e seus veículos.

⁴Pesquisa realizada com ênfase no nível de conhecimento tecnológico dos professores da rede pública. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/quase-90-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-4-2-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa-2/>. Acesso em: 25 de junho de 2021.

Autores como Bourdieu (1991), Sacristàn (1999), Marcelo (2009), Novoa (1999) trazem contribuições valiosas para o entendimento da importância da formação continuada como um objetivo que poderia ser comum a todos os profissionais da educação. Na concepção de Novoa (1999), é a formação continuada

[...] concebida como processo crítico-reflexivo do saber docente. As propostas de formação priorizam o aspecto político emancipatório e o papel ativo do professor, sujeito na construção de seu saber com base na investigação sobre sua própria prática, no transcorrer de toda a sua carreira, preferencialmente no âmbito da instituição escolar. Com esta base a formação adquire um caráter nem só prático e nem só teórico, uma vez que permite que se realize uma práxis educativa (NÓVOA, 1999 *apud* TOZETTO, 2017, p. 6)

A formação continuada é um processo que diferente da graduação ajuda o docente a se adaptar às novas realidades, processos e alcançar resultados satisfatórios dentro do ambiente educacional. Podemos ainda afirmar que neste cenário de pandemia a formação continuada ganhou destaque, pois a relação aluno-professor na educação básica sofreu mudanças significativas. Nesse sentido, os professores precisaram reinventar sua prática para que o processo de ensino e aprendizagem se tornasse significativo.

Estratégias de Ensino e Aprendizagem na Pandemia

O distanciamento social no cenário de pandemia fez com que o sistema educacional se imbuísse de outros recursos para que o ensino e aprendizagem pudesse acontecer. Professores e alunos se viram diante de novas tecnologias e rotinas mais aceleradas e exaustivas e tiveram que inovar conforme nos aponta a Fundação Abrinq (2021). Muitos profissionais da educação não conseguiram a curto prazo se adaptar aos modelos digitais de ensino-aprendizagem e novos conhecimentos, como é o caso das plataformas digitais (SILVA, 2020)⁵.

É merecido destacar, ainda de acordo com a Fundação Abrinq (2021), que nas novas formas de ensino e aprendizagem na pandemia outro desafio surgiu: a acentuação das desigualdades sociais e

⁵Estudo desenvolvido com professores em 2020 no estado do Mato Grosso do Sul onde relataram como tem sido os novos desafios diante da nova rotina de trabalho remoto. Disponível em: <https://www.acritica.net/noticias/com-a-pandemia-professores-se-adaptam-as-mudancas-e-internet-vira/453137/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

escolares. O distanciamento social contribuiu ainda mais para a evasão escolar, tendo em vista que os estudantes não tinham, em muitos casos, acesso a tecnologias para as aulas online.

Isso pode ser observado quando percebemos que 3,8% de alunos, com idades entre 6 e 17 anos, abandonaram as instituições de ensino, totalizando 1,38 milhão de estudantes. Somado a isso, está a situação de 4,12 milhões de alunos (11,2%) que, apesar de matriculados e sem estar em período de férias, não receberam nenhuma atividade escolar, resultado do ensino pautado pelas aulas online (FORSTER, 2021, s/p), considerando que:

Segundo o estudo ‘Educação em Pausa’ produzido pela UNICEF sobre os impactos da Covid-19 na educação, mais de 137 milhões de crianças e adolescentes na América Latina viram seus processos educacionais serem pausados. O relatório também apresenta um panorama da realidade brasileira: 4 milhões de estudantes do ensino fundamental (14,4%) estavam sem acesso a nenhuma atividade escolar. Nas favelas, as estatísticas são ainda piores. De acordo com uma pesquisa realizada pelo DataFavela, 55% dos estudantes de favelas do Brasil estão sem estudar durante a pandemia, por motivos que incluem falta de local adequado de estudo, má conexão com a internet, ausência de dispositivos adequados e a distância dos professores (LOBACARRO, 2020, p.1).

Como aponta o estudo da UNICEF, os desafios relacionados ao processo educacional neste momento de crise sanitária são diversos. A falta de acesso aos veículos tecnológicos para o acesso seguro e rápido das atividades escolares pautadas no modelo remoto é apenas uma das dificuldades vivenciadas durante a pandemia. Cabe ainda apontar a interação social no âmbito escolar sofreu impacto; longe da sala de aula presencial, do contato com os colegas de classe e sem a presença física do professor, os estudantes vivem os prejuízos do processo de socialização com seus pares. A possível volta às aulas, por exemplo, poderá acentuar novos desafios aos professores frente às consequências causadas pela pandemia: “uma experiência vivida que pode ter deixado diversos impactos negativos, não apenas na aprendizagem, mas no desenvolvimento socioemocional causado pelo isolamento social e distanciamento escolar” (GUERRA, s/d).

A novidade do ensino remoto/on-line que não poderia ser mais desafiadora e desigual; “nem todos os municípios possuem estrutura de tecnologia para oferta de ensino remoto e nem todos os professores têm a formação adequada para dar aulas virtuais” (CUNHA, 2020, p.1). Essa ausência de formação inicial docente para lidar com este contexto pandêmico também afeta a relação aluno-professor e, portanto, carece de estudos na área.

Não menos importante, para além das desigualdades sociais e escolares, outro desafio com o retorno presencial das aulas tem sido o receio dos estudantes se infectarem, como mostra uma pesquisa feita pelo R7 Educação⁶. Isso nos leva à reflexão acerca do tratamento socioemocional que muitos alunos sofreram mediante os distanciamentos impostos neste período de pandemia, o que também afeta as formas de ensino e aprendizagem na pandemia.

Professores tem utilizado cada vez mais estratégias que visem corroborar com a realidade dos alunos e otimizar o ensino aprendizagem. Apesar das riquezas dos recursos tecnológicos e sua amplitude e alcance no ensino EAD, nas palavras de Rossi & Rossi & Carvalho (2020, p. 5), nem todos possuem acesso ou disponibilidade para essa ferramenta devido as desigualdades sociais já vistas anteriormente.

Outra pesquisa,⁷ realizada por Cury (2021), propõe algumas estratégias interessantes que os professores podem utilizar para fazer do ensino uma prática leve e saudável, tais como: questionamentos; utilização de jogos e games virtuais; bom humor e vídeos e animações que mesquem com a disciplina estudada. Todas essas estratégias instigam os alunos a adotar senso crítico, aprendizagem epistemológica, íntima e completamente palpável à suas diversas realidades.

Somado a isso, o profissional educador deve buscar entender que seu papel no desenvolvimento educacional de seus alunos não se resume somente na passagem de conteúdo, mas sim em deixar “o papel passivo, atribuído pelo ensino tradicional, para assumir um papel ativo, levando a desenvolver competências mais eficazes no contexto de aprendizagem” (MEDEIROS & DUARTE, 2020, p. 2), embora necessite de uma abordagem infraestrutural e individual dos alunos e da instituição escola.

Possuímos até então garantias previstas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que de acordo com a Lei nº 9.394/1996 deve garantir o direito, desenvolvimento e integralidade do aluno para as diversas esferas da educação dentro dos princípios éticos, políticos e também estéticos que

⁶Pesquisa realizada a partir de coleta de dados feita por meio de pesquisa oral entre alunos de escola pública do estado de São Paulo por meio do R7 Educação. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/expectativa-e-ansiedade-marcam-retorno-obrigatorio-as-aulas-em-sp-22102021>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

⁷Pesquisa realizada por Augusto Cury em 2021 e publicada em um de seus sites, Escola da Inteligência: educação socioemocional, no mesmo ano onde o autor destaca quatro estratégias fundamentais para o bom desenvolvimento de um ensino prático na pandemia. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/estrategias-de-ensino/>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

visem uma sociedade democrática seguindo o fundamento das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), assim:

[...] espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental (BNCC, s/d, p.8).

Assim, nas palavras de Smolareck & Luiz (2020), até que o professor se adapte, se integre e reconheça os limites e possibilidades do ensino-aprendizagem, que como vimos são garantidos por lei, deve-se deixar que os alunos também compartilhem entre si suas experiências durante a pandemia, explorem sua imaginação e sejam estimulados pelo professor a usar a criatividade como principal ferramenta de trabalho.

Percurso Metodológico

Com o intuito de entender os limites e possibilidades da relação aluno- professor na educação básica diante do atual cenário de pandemia, esta pesquisa, de cunho qualitativo, respaldou-se na busca por métodos bibliográficos para entendimento do objeto de estudo. As pesquisas qualitativas se caracterizam pela “análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos” (LAKATOS & MARCONI, 2005, p. 269), ou seja, encontra-se em uma esfera de análises e interpretações ainda mais profundas sobre as relações sociais humanas. Em consonância a Lakatos & Marconi (2005), Minayo (2002) traz também uma concepção acerca das pesquisas qualitativas que valem ser ressaltadas. Esta abordagem

[...] responde a questões particulares; [preocupa-se com] um nível de realidade que não pode ser quantificado; trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Entende-se, assim, que a pesquisa qualitativa impõe profundidade na busca por resultados sem análises estatísticas, pois exclui uma tendência generalista e abarca um contexto muito mais específico e minucioso. O estudo bibliográfico também foi importante nesta investigação,

contemplando trabalhos já disponíveis sobre a temática em questão, como documentos, livros, artigos, teses etc.

Além disso, é merecido destacar que “os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados; o pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (SEVERINO, 2007, p.122). Dessa forma, o levantamento bibliográfico, considerando a variedade de registros disponíveis para o acesso do pesquisador, tornou-se uma ferramenta relevante.

Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002) reforça que é necessário atentar-se para o fato de que há pesquisas que “se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (p.32).

Pensando nestas pontuações, este trabalho adotou os seguintes critérios para o levantamento de pesquisas e estudos a respeito da interação aluno-professor no quadro social de isolamento causado pela COVID-19: a) foram levantados artigos científicos na base de dados SciELO⁸, referente aos anos de 2020 e 2021, utilizando-se os descritores “ensino na pandemia” e “processo de ensino e aprendizagem na pandemia”; b) foram considerados os trabalhos disponíveis em português bem como aqueles se referem apenas à educação básica; c) os achados foram tabulados e analisados considerando os objetivos desta pesquisa. A análise consistiu na interpretação de como a pandemia impactou a relação aluno-professor, sem a pretensão de esgotar as discussões acerca desta temática, mas sim oferecer reflexões que possam contribuir para a área educacional.

Resultados e Discussão

No banco de dados da SciELO⁹ foram encontrados 48 artigos científicos dentro do filtro da pesquisa aqui desenvolvida, contemplando trabalhos que se referem ao âmbito pandêmico atual e que incluem a educação em seus percursos adaptativos e sociais mediante o novo cenário mundial. Entretanto, ao analisar os trabalhos, a partir do resumo de cada um deles, foram identificados seis

⁸SciELO é uma Biblioteca Eletrônica Científica Online que disponibiliza de forma gratuita e livre o acesso a publicações digitais de periódicos científicos brasileiros. Desta forma torna-se uma ferramenta importante e consoante à pesquisa proposta neste projeto. Site para busca: <https://www.scielo.br/>. Acesso em 13 de agosto de 2021.

⁹ Os dados foram coletados entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

artigos que se enquadram na perspectiva da relação aluno-professor e os limites e possibilidades de ensino aprendizagem na educação básica, como mostra a tabela a seguir:

Autor (es)	Ano de Publicação	Título do Artigo	Metodologia e Objetivos
MACEDO, Renata Mourão.	2020	<i>Direito ou privilégio?</i> Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública	Artigo baseado em pesquisa bibliográfica que explora as desigualdades digitais e os impactos da mudança presencial ao ensino remoto na vida de estudantes do ensino básico.
SOUZA, Katia Reis de. et al.	2021	Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia	Artigo desenvolvido com base em reflexões sobre estudos que dialogam acerca da formação continuada de professores como também relatos pessoais de docentes acerca de suas experiências remotas.
MAGALHÃES, Rodrigo Cezar da Silva.	2021	Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais	Artigo baseado em um estudo bibliográfico que mostra a desigualdade no país e os impactos da falta de estrutura social frente ao uso da tecnologia em EAD e ausência de direitos constitucionais básicos que garantam acesso e qualidade destes meios.
CARVALHO, Jose Sérgio Fonseca de; BOTO, Carlota.	2021	Mestres ignorantes e professores explicadores em tempos de pandemia e de cultura digital	Artigo que discute a universalização da educação, o papel do professor enquanto educador e igualdade social perante a cultura do digital.
BARRETO, Raquel Goulart.	2021	A escola entre os embates na pandemia	Artigo que apresenta a visão crítica sobre o espaço da escola dentro da perspectiva pandêmica e

			a incorporação das tecnologias na prática educacional, a partir de referências bibliográficas e relatos de profissionais da educação.
CHARCZUK, Simone Bicca	2020	<i>Sustentar a transferência no ensino remoto: docência em tempos de pandemia</i>	Artigo que discute os modelos teóricos conceituais que pairam sobre o ensino remoto e a transferência de conhecimento e criação de laços entre alunos e professores, a partir de resultados obtidos por levantamentos bibliográficos.

Fonte: Elaboração do autor a partir dos artigos publicados na SciELO, 2020 e 2021.

A partir do levantamento destes trabalhos que buscaram se atentar para a compreensão das possibilidades e desafios do ensino na pandemia, inicialmente é possível afirmar que esse novo cenário de ensino remoto tem suscitado o interesse de estudiosos. Embora, na busca realizada apenas seis trabalhos se aproximam dos objetivos desta pesquisa, é importante salientar que o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia tem sido alvo de pesquisadores brasileiros e internacionais.

O primeiro trabalho analisado refere-se ao artigo de Macedo (2020) que explora de maneira crítica a desigualdade digital no âmbito de acesso e disposição das ferramentas remotas de uma escola pública, tão necessárias diante da nova realidade social que vivemos. Na escola analisada pela autora, localizada no bairro Butantã na cidade de São Paulo, percebeu-se o despreparo na transição do ensino presencial. As estratégias recorridas pela instituição escolar contemplaram postagens de atividades no site oficial da escola, reuniões pedagógicas junto aos alunos e aulas online através da plataforma *Google Meet*, bem como a criação da “Campanha EA Conectada” que visava o gerenciamento da participação dos alunos nas aulas. Mesmo diante das soluções encontradas não se pode deixar de perceber a desigualdade digital presente na vida de vários alunos que não obtinham acesso domiciliar à internet e/ou ferramentas e aparelhos compatíveis para o EAD, bem como a constante cobrança dos pais e/ou responsáveis por mais aulas online e o estresse do corpo docente. Contudo, apesar dos percalços, a escola alcançou resultados satisfatórios no que tange à participação,

inclusão e acesso às aulas remotas, o que se aproxima daquilo que é defendido por Dayrell (1996): o papel democrático e igualitário que a escola deve possuir.

Corroborando com os resultados apresentados por Macedo (2020), Magalhães (2021), em sua pesquisa, revelou a ausência de políticas públicas que visem garantir os direitos constitucionais de acesso a esses meios digitais durante a pandemia, destacando a negligência das esferas do governo diante do cenário pandêmico que só acelerou a sobrecarga dos professores e inflamou ainda mais as diferentes realidades dos alunos brasileiros e suas desproporções sociais. A autora ainda destaca que, segundo uma pesquisa de 2018,

[...] 30% das residências do país não têm acesso à internet, porcentagem que sobe para 50% se considerarmos as áreas rurais. O estudo mostrou também que entre as classes D e E, 85% se conectam à internet exclusivamente pelo celular, 2% apenas pelo computador e 13% por ambos os dispositivos. (MAGALHÃES, 2021, p.1265)

A pesquisadora ainda pontua que nem sempre o governo federal terá a responsabilidade de abarcar com investimentos que visem atender a essas crianças, adolescentes e jovens que precisam, muitas vezes, conciliar trabalho e vida doméstica com o percurso estudantil. Portanto, percebe-se como a desigualdade social reverbera nas desigualdades escolares (BOURDIEU, 1998).

Neste cenário, Souza (2021) contribuiu com seu estudo ao debater a questão da formação continuada dos profissionais educadores frente aos novos moldes EAD de ensino remoto. Os achados mostram que as experiências narradas por profissionais que viveram essas novas adaptações durante a pandemia esbarram em novas exigências da formação continuada. Como resposta, os resultados desta pesquisa revelaram que o trabalho docente e a própria gestão do mesmo se enquadraram em agravamentos que observam questões muito mais complexas, como as questões de gênero na área trabalhista, saúde mental e física docente diante do estresse ocasionado pelo despreparo e eventualidade imprevisível da pandemia, resistência frente aos desafios das discrepâncias socioeducacionais potencializadas pelo digital e até mesmo greves virtuais como forma de reivindicação por melhores condições de garantia de trabalho.

Assim como Souza (2021), a pesquisa realizada por Carvalho & Boto (2021) aborda a figura do professor como agente social e transformador que visa a busca da igualdade, principalmente em sua área de atuação e “habitat natural”: a sala de aula. Segundo os autores, durante o processo de ensino e aprendizagem na pandemia podemos encontrar pistas que nos levam a entender como a

negligência e o absentismo de políticas públicas ligadas à formação continuada dos profissionais da educação contribuem para a perpetuação obliterada e silenciadora dos avanços da igualdade.

Ainda nos trabalhos encontrados na SciELO, a investigação realizada por de Charczuk (2020) nos leva a refletir sobre a transferência de conhecimento e a afetividade íntima gerada entre aprendizes e mestres que pode contribuir para o conhecimento mútuo e compartilhamento de experiências. Através de análises psicanalíticas freudo-laciana e moldes teóricos construtivistas, chegou-se a entender que o ensino na pandemia, mesmo que distante dos moldes habituais rotineiros, possibilitou aos professores novas maneiras de contato e adaptações para com seus alunos na entrega de conteúdos, na criação de laços, mesmo longe de um espaço físico por intermédio da internet.

Entretanto, cabe ressaltar, assim como foi apresentado por Magalhães (2021), que nem todos os indivíduos tem a oportunidade de se conectarem à internet e, desse modo, não podemos excluir que vários alunos foram prejudicados no processo de ensino e aprendizagem na pandemia. Mesmo que novas formas de aprendizagem tenham sido um ganho para a área educacional, desconsiderar as desigualdades escolares presentes neste contexto pandêmico é não dar visibilidade a desigualdade social que foi acirrada no Brasil.

E, por fim, temos o trabalho de Barreto (2021), que ao investigar a escola como um espaço social de atuação dos personagens na trama da educação, traça um paralelo com a inserção das tecnologias nesse ambiente e como elas afetam a própria constituição desse habitat. Sabemos que para grande parte da comunidade científica o isolamento social e o higienismo foram as soluções mais rápidas para o controle da disseminação viral. Mas, por outro lado, “quanto às escolas, houve muita pressão para que fossem rapidamente substituídas pelo ensino remoto emergencial” (BARRETO, 2021, p.7). Essa pontuação nos leva a pensar como os professores foram afetados em suas atividades, considerando que grande parte não tinha familiaridade com as novas tecnologias.

Em suma, os trabalhos encontrados na SciELO apontam o caráter emergencial gerado pela pandemia nas reconfigurações do processo de ensino e aprendizagem na educação básica, inclusive de modo a manter a assiduidade dos alunos e o caráter social que a escola possui. Entretanto, é importante destacar que essa transição de modelo de presencial para remoto e/ou híbrido não aconteceu sem grandes desafios, como será abordado na seção seguinte.

Os limites e possibilidades da relação aluno-professor na pandemia: o processo de aprendizagem ressignificado

Assim como a pandemia alterou nossas formas de interação social, percebemos também como ela trouxe ressignificações sob a forma com a qual lidamos com as diversas esferas institucionais (BARRETO, 2021). Uma delas, a escola, contou com inúmeras mudanças dentro de seu ambiente, inclusive na rotina dos personagens que a compõem. Sustentar a transferência do conhecimento através do ensino remoto tornou-se algo inédito para grande parte dos profissionais da educação e para os alunos.

Como se não bastasse os desmontes orçamentários para sustentar a educação no Brasil, a perda de investimentos e encerramento de programas como por exemplo o EJA, listados por Lourenço (2021)¹⁰, é necessário mencionar como foi crucial “refletir sobre outros modos de estruturar os processos de ensinar, a fim de promovê-lo efetivamente, assim como de aprender em espaços diversos, fora do corriqueiro ambiente escolar e acadêmico” (CHARCZUK, 2020, p. 02).

A adoção do ensino não presencial gerou intensas discussões acerca de sua efetividade (CHARCZUK, 2020). Primeiramente diante do cenário socioeconômico do país e as diversas desigualdades sociais, como já vimos, acrescentam-se dúvidas sobre como a EAD poderia ou não impactar as desestruturações sociais. Não obstante, o papel central do professor passou a ser alvo de intensas provocações, como a constante necessidade da busca pela formação continuada, a adesão a novas formas didáticas mais flexíveis e a expressa e significativa transferência de conhecimento mediante as plataformas digitais na emergência sanitária ocasionada pela pandemia (CARVALHO & BOTO, 2021).

O trabalho de Charczuk (2020) aponta que sustentar, caracterizar, exemplificar um modelo teórico conceitual para o ensino EAD tornou-se uma tarefa complexa, uma vez que tal modalidade esteve prevista como uma forma emergencial para atender às demandas diante do cenário vivenciado na educação básica. Ainda que garantido por Lei (Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017), o ensino

¹⁰Pesquisa realizada por Tainá Lourenço para o Jornal da USP (Campus Ribeirão Preto), em 07 de abril de 2021, a partir de dados coletados entre os anos de 2007 a 2019, onde são listados alguns dos cortes orçamentários para a educação, baixa formação jovem no ensino básico e desmonte de programas socioeducacionais que podem afetar não somente o desenvolvimento educacional, mas a própria economia do país. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desmonte-da-educacao-de-jovens-e-adultos-pode-afetar-economia-brasileira/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

remoto a distância para sobre o senso comum como deteriorante, incapaz ou mesmo incoerente para servir de base para uma educação de qualidade, o que trouxe muitas dúvidas e receios às famílias dos alunos, a professores e até às próprias instituições.

As ressignificações deixaram em voga as desigualdades socioeconômicas de milhares de alunos e o despreparo de centenas de professores frente ao ensino virtual. Segundo Magalhães (2021)

Antes de pensar em EAD e em outras modalidades de ensino remoto, é necessário massificar os investimentos em educação e desenvolver políticas públicas nesse campo que levem em consideração as condições sociais e econômicas em que vive a maior parte dos estudantes brasileiros, principalmente os mais pobres e vulneráveis, sobre os quais as consequências da pandemia de covid-19 têm se abatido com mais gravidade. (p.1266)

Entendemos que não se pode apenas pensar a educação à distância como uma ferramenta que resolve as demandas emergenciais, contudo, intencionando manter os alunos conectados, foi a solução encontrada neste contexto (BARRETO, 2021). Além disso, grande parte do grupo docente teve que planejar previamente suas aulas com uma margem de tempo esdrúxula, promover ações coletivas entre os colegas de trabalho visando alcançar maiores resultados escolares e apelar para a compreensão e auxílio da comunidade familiar dos alunos (SOUZA et. al, 2021).

Dessa forma, a busca em ressignificar o espaço de aprendizagem não está contido em uma noção física, mas sim em adaptações coesivas à demanda do ensino digital tal como se fez necessário nos tempos de isolamento sanitário assim como a procura por formação continuada e a elaboração de maneiras diversificadas de ensinar a aprender criaram uma nova moldura para o ensino-aprendizagem.

Os professores da educação básica e as estratégias de ensino e aprendizagem na pandemia

Sabemos que os desafios para alcançar uma educação de qualidade são inumeráveis e as estratégias para remediar tal alcance ainda mais complexas. O processo educacional, então, precisa levar em consideração a experiência ou “bagagem” do sujeito aprendiz, mais conhecida como capital cultural (BOURDIEU, 1998). Vale ainda destacar que “o compromisso da escola com a superação

das desigualdades deveria implicar uma profunda reforma das práticas e dos currículos, de forma a adaptá-los às culturas, aos hábitos e às necessidades dos segmentos menos favorecidos da sociedade” (CARVALHO & BOTO, 2021, p. 04).

No entanto, com as mudanças provocadas pela pandemia, o *habitat* costumeiro da escola transferiu-se para o ambiente virtual e tanto docentes como discentes precisaram se reinventar. No que tange a essas mudanças

[...] a responsabilidade pela transformação do espaço domiciliar em posto de trabalho permanente para desenvolvimento do ensino remoto coube exclusivamente aos docentes. Do mesmo modo, todos os custos relacionados às condições materiais do trabalho e infraestrutura física, como computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes (SOUZA et al., 2021, p. 07).

Diante desses e outros percalços como jornada extra de trabalho, tempo ínfimo e precarização das condições de trabalho, os professores utilizaram de estratégias como jornadas informais de trabalho, inclusive atendendo alunos fora do horário comum das aulas por meio de aplicativos e redes sociais, gravação prévia de aulas como garantia de entrega de conteúdo e remediação para evitar quaisquer empecilhos futuros provenientes de *bugs*¹¹ nas plataformas de ensino remoto. Importante ainda dizer que os docentes adotaram métodos “na pedagogia crítica e dialógica freireana, cujos processos valorizam a formação mútua e emancipadora” visando a coletividade da aprendizagem e maiores interações interpessoais (SOUZA et al. 2021, p. 05).

Para além destes fatores, os professores utilizaram outras táticas ou se viram diante de situações que os fizeram buscar requalificações profissionais como formação continuada, síntese dos trabalhos divulgados por universidades e cargas horárias extensivas para conciliar a vida doméstica junto ao *home office*¹², como também greves virtuais citadas pelos autores Souza et. al (2021), a

¹¹Termo utilizado para referenciar erros de *software* ou mal funcionamento de um sistema computadorizado e eletrônico. Geralmente associa-se esse termo a um inseto achado por Thomas Edson em seu fonógrafo, o que teria provocado defeito em seu aparelho e assim originado o conceito que seria posteriormente utilizado em todo o globo. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/bug.htm>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

¹²Popularizado no Brasil, o termo em inglês *home office* passou a ser utilizado para definir o exercício e transferência de atividades laborais do local de trabalho costumeiro para o lar. Disponível em: <https://culturainglesamg.com.br/blog/saiba-o-que-sao-e-como-usar-home-office-homeschooling-homework-e-housework/#:~:text=%E2%80%9CHomework%E2%80%9D%C3%A9%20o%20que%20a,e%20outros%20nomes%20nest e%20sentido>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

exemplo da greve virtual pelo Sinpro Macaé em 15 de junho de 2021 com o objetivo da defesa da saúde física e mental dos professores.

Os trabalhos analisados nesta pesquisa revelam que professores, como os do corpo docente da EAFEUSP (Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), citados por Macedo (2021), criaram estratégias através do plano de “Campanha EA Conectada” onde buscaram doações de aparelhos e ferramentas digitais para atender à demanda dos alunos sem acesso a tais recursos; distribuição dos mesmos aos discentes considerados prioritários e que não possuíam acesso a internet ou meios de se conectar a ela; e a mobilização do corpo docente em manter a conectividade interpessoal, coletiva e assídua de seus alunos usando quaisquer apetrechos a seu favor como redes sociais (WhatsApp), e-mails, jogos online e vídeos do YouTube como complemento às demandas da coordenação da escola.

Tão importante quanto ensinar, é cuidar. Souza et al. (2021), faz menção ao declínio da solidariedade que se acentuou com a pandemia dentro das ações docentes de forma geral, a uberização¹³ do magistério com rotatividade de professorado temporário ou improvisado sem planejamento pedagógico e o acúmulo de obrigações e deveres. Mesmo assim professores e professoras transformaram seus ambientes domésticos em local de trabalho para atender e ministrar aulas para seus alunos, contaram com a ajuda de terceiros para “construir” familiaridade com o sistema EAD, cronometraram o tempo de forma ainda mais enxuta para cumprir com as exigências imediativas do digital.

Considerações Finais

Temos ciência das diversas maneiras com as quais os professores buscaram remediar um ensino mais democrático e inclusivo para os alunos neste período de pandemia, na busca em diminuir os impactos com a realidade vivenciada. Sabemos também das modificações que tal impacto

¹³Segundo o site Guia do estudante (2021), devido as altas taxas de desemprego no Brasil, cidadãos tem buscado cada vez mais horários flexíveis de atividade laboral e rentabilidade imediata, geralmente encontrado em serviços que ofereçam ferramentas digitais como local de trabalho, o que se popularizou como uberização, derivado dos serviços da Uber onde se o trabalhador é influenciado a ser seu próprio empresário. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-e-a-uberizacao-do-trabalho/#:~:text=Com%20um%20cen%C3%A1rio%20pessimista%20para,como%20a%20uberiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20trabalho>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

causou na relação aluno-professor tencionando as interações pessoais. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo foi entender os limites e possibilidades da relação aluno-professor mediante o cenário de pandemia, a partir da análise de trabalhos encontrados na SciELO.

Os artigos analisados revelaram como os profissionais da educação se adaptaram, moldaram e se reinventaram diante da pandemia, buscando mediações e soluções assertivas para garantir a construção do pensamento crítico, da aprendizagem epistemológica e do conhecimento mútuo. Entretanto, é nítido que a desigualdade escolar foi acirrada neste período; o processo de ensino e aprendizagem não foi unânime conforme os grupos de pertencimento, em especial, alunos de escolares públicas e particulares. Os trabalhos também revelaram a importância de propor ações de políticas públicas que visem atender não somente à classe docente, mas os milhares de discentes que sofreram sem acesso às novas tecnologias.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para (re) pensar as formas de ensino a distância; elas não foram vilãs da educação neste período de pandemia, mas sim puderam mostrar como outra face de trabalho pode acontecer na educação básica. Dessa forma, não tivemos a intenção de esgotar as discussões sobre as especificidades da relação aluno-professor em tempos de pandemia, e sim trazer à luz as possibilidades de aprendizado na educação básica.

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BARBOSA, Fayson Rodrigo Merege; CANALLI, Micaella Paola. Qual a importância da relação professor aluno no processo ensino aprendizagem? In: **EFDeportes.com**. Buenos Aires, 16, nº 160, set., 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd160/a-importancia-da-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

BARRETO, Raquel Goulart. A Escola entre os embates na Pandemia. In: **Educação & Sociedade** [online], v. 42, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.243136>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. In: **Educação é a base**, s/d. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 de julho de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB**. 9394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 07 de julho de 2021.

BRASIL, País Digital. **Pesquisa do IBGE revela que 4,1 milhões de estudantes da rede pública não tem acesso à internet**. 27 abr. 2021. Disponível em: <https://brasilpaisdigital.com.br/pesquisa-do-ibge-revela-que-41-milhoes-de-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-acesso-a-internet/#:~:text=pa%C3%ADs%20digital%20-%20%23BrasilPaísDigital,Pesquisa%20do%20IBGE%20revela%20que%204%2C1%20milh%C3%B5es%20de%20estudantes,n%C3%A3o%20tem%20acesso%20%C3%A0%20internet&text=Em%202019%2C%20cerca%20de%2004,s%C3%A3o%20alunos%20da%20rede%20p%C3%BAblica>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de; BOTO, Carlota. Mestres ignorantes e professores explicadores em tempos de pandemia e de cultura digital. In: **Educação & Sociedade** [online] v. 42, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.250432>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. In: **Educação & Realidade** [online] v. 45, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109145>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

CONSED. **Notícias**. 2021. Disponível em: <https://www.consed.org.br/noticias>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

CULTURA INGLESA. Saiba o que são e como usar “home office”, “homeschooling”, “homework” e “housework”. In: **Blog da Cultura Inglesa MG**. 2020. Disponível em: <https://culturainglesamg.com.br/blog/saiba-o-que-sao-e-como-usar-home-office-homeschooling-homework-e-housework/#:~:text=%E2%80%9CHomework%E2%80%9D%20%C3%A9%20o%20que%20a,e%20outros%20nomes%20neste%20sentido>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

CUNHA, Paulo Arns da. A pandemia e os impactos irreversíveis na educação. In: **Revista Educação**. Editora Segmento, 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/>. Acesso em: 26 de maio de 2021.

CURY, Augusto. 4 estratégias de ensino criativas para adotar durante a pandemia. In: **Escola da Inteligência**: Educação Socioemocional. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/estrategias-de-ensino/>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DUTRA, Rodrigo. Como preparar aulas híbridas: 7 passos para um ensino híbrido eficiente. In: **TutorMundi**, 3 set. 2021. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/aulas-hibridas/>. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

ENGEMED, Marketing. Engemed Saúde Ocupacional: Diferença entre distanciamento, isolamento, quarentena e lockdown. In: **Engemed soluções integradas no trabalho**. 2020. Disponível em: <https://www.engemed.med.br/2020/05/14/diferenca-entre-distanciamento-isolamento-quarentena-e-lockdown/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

ESCOLA, Equipe Brasil. "Bug": **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/bug.htm>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FORSTER, Paula. Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef. In: **CNN**. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Das relações entre a educadora e os educandos**. São Paulo: Olhos d'água, 1991.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002, p.7-18.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil**. 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

GONÇALVES, Alex; AMARAL, Isabelle. Expectativa e ansiedade marcam o retorno obrigatório às aulas em São Paulo. In: **R7**. 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/expectativa-e-ansiedade-marcam-retorno-obrigatorio-as-aulas-em-sp-22102021>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

GRANDISOLI, Edson. **Educação e Pandemia: desafios e perspectivas**. In: *Jornal da USP*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/educacao-e-pandemia-desafios-e-perspectivas/>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

GUERRA, Gleidis R. Um novo normal também na escola: Seguem os desafios na educação. In: **Aventura de Construir.** s/d. Disponível em: https://aventuradeconstruir.org.br/8936/?gclid=Cj0KCCQjwk4yGBhDQARIsACGfAeuOIjMir5A7P6VdTLqNBRdjkUkeiWimXkaMJegVYFQvNqVwZ09yRwoaAq4WEALw_wcB Acesso em: 11 de junho de 2021.

HENRIQUE, Carlos. Soluções integradas do trabalho: Diferença entre distanciamento, isolamento, quarentena e lockdown. In: **ENGEMED.** 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.engemed.med.br/2020/05/14/diferenca-entre-distanciamento-isolamento-quarentena-e-lockdown/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOBACCARO, Patrícia. O que a Pandemia nos mostrou sobre a educação no Brasil. In: **UOL.** 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/patricia-lobaccaro/2020/11/24/o-que-a-pandemia-nos-mostrou-sobre-a-educacao-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

LOURENÇO, Tainá. Desmonte da educação de jovens e adultos pode afetar economia brasileira. In: **Jornal da USP.** 08 abril de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desmonte-da-educacao-de-jovens-e-adultos-pode-afetar-economia-brasileira/>. Acesso em 08 de fevereiro de 2022.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. In: **Estudos Históricos** [online], Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, maio, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online] v. 28, n. 4, out-dez. 2021, p. 1262-1267. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021005000012>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

MARCELO, Carlos. **El profesorado principiante: insercion a la docência.** España, 2009

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Ribamar. Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa. In: **CNTE.** 2020. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/quase-90-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas->

antes-da-pandemia-42-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa-2/. Acesso em: 25 de junho de 2021.

MEDEIROS, Laiana da Silva; DUARTE, Kamille Araújo. Percepções docentes: estratégias e ferramentas para adaptar o ensino em tempos de pandemia. In: **VII Congresso Nacional de Educação**. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, Maceió. 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID6693_01102020141629.pdf. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

NOVOA, Antônio. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1999.

OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. In: **Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=A%20COVID%2D19%20%C3%A9%20uma,febre%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia: A resposta do grande psicólogo aos problemas de ensino**, 1969. São Paulo: Editora Fonte Universitária, 2010.

ROSSI, Débora Cristina Aureliano; ROSSI, Esmera Fatel Aurelino; CARVALHO, Diego Fogaça. Estratégias para Ensino e Aprendizagem em tempos de Pandemia. In: **Setor educacional: Educação Infantil e Fundamental, Educação Média e Tecnológica**. Londrina, Paraná, jul. 2020.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed Sul, 1999.

SciELO Brasil. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, Larissa. Com pandemia, professores se adaptam às mudanças e internet vira sala de aula: Dois professores de MS contaram ao portal A Crítica como está sendo a nova rotina das aulas virtuais. In: **A Crítica**. 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.acritica.net/noticias/com-a-pandemia-professores-se-adaptam-as-mudancas-e-internet-vira/453137/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

SMOLARECK, Rodrigo Dalosto; LUIZ, Rothier Serres. Metodologias ativas, reflexões para reinventar o ensino de Geografia, em época de Pandemia. In: **Instituto Pertencer – Centro de Estudos psicopedagógicos**. 14 de mai. 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/569403>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

SOUZA, Katia Reis de; SANTOS, Gideon Borges dos; RODRIGUES, Andréa Maria dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; GOMES, Luciana; ROCHA, Guilherme Luiza da; CONCEIÇÃO, Rosilene do Carmo Macedo; ROCHA, Fabio Silva da; PEIXOTO, Rosaldo Bezerra. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. In: **Trabalho, Educação e Saúde** [online] v. 19, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

TEIXEIRA, Inês A. Castro. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

TOZETTO, Susana Soares. Docência e formação continuada. In: **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação** – SIRSSSE, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

UEG, Universidade Estadual de Goiás. O que é Pesquisa Bibliográfica. In: **UEG-Universidade Estadual de Goiás**. 2008. Disponível em: http://www.ueg.br/noticia/36347_o_que_e_pesquisa_bibliografica. Acesso em: 11 de junho de 2021.